

#LALOPA: O DISCURSO FEMINISTA MATERIALIZADO ATRAVÉS DA HASHTAG

Paula Daniele Pavan

<https://orcid.org/0000-0003-2891-638X>

Universidade Federal do Pampa, Curso de Relações Públicas, São Borja/RS – Brasil
paulapavn@unipampa.edu.br

Martiele Rodrigues Matoso

<https://orcid.org/0009-0000-6711-7826>

Universidade Federal do Pampa, Curso de Relações Públicas, São Borja/RS - Brasil
martielematoso.aluno@unipampa.edu.br

Recebido em: 01 de maio de 2023

Aceito em: 06 de maio de 2023

Resumo: Este texto analisa o discurso feminista materializado através do funcionamento dos significantes La Loba como hashtag (#laloba), que retoma o título de um dos contos do livro “Mulheres que Correm com os Lobos”, de Clarissa Pinkolas Estés, nas mídias sociais. Então, inicialmente, é realizada uma contextualização da base teórica da Análise do Discurso Materialista articulada por Michel Pêcheux, um apanhado das condições de produção do objeto de análise, bem como a mobilização de recortes de análise provenientes do Instagram e da revista on-line La Loba Magazine. As análises tornam possível observar que os significantes La loba nas mídias digitais fazem circular sentidos de resistência feminista, principalmente através da construção de um lugar de dizer por meio da escrita.

Palavras-chave: Discurso feminista; La Loba; Hashtag; Efeitos de sentido.

#LALOPA: THE FEMINIST DISCOURSE MATERIALIZED THROUGH THE HASHTAG

Abstract: This text analyzes the feminist discourse materialized through the functioning of the signifier La Loba as a hashtag (#laloba), which retakes the title of a story from the book “Mulheres que Correm com os Lobos”, by Clarissa Pinkolas Estes, on social media. Initially a contextualization of the theoretical foundations of Materialist Discourse Analysis articulated by Michel Pêcheux was carried out, followed by an overview of the production conditions of the object of analysis and the mobilization of analysis clippings from Instagram and the online magazine Revista La Loba. The analysis makes it possible to observe that the signifiers La loba in digital media has senses of feminist resistance mainly through the construction of a place of saying in writing.

Keywords: Feminist discourse; La Loba; Hashtag; Meaning of effects.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda o funcionamento dos significantes La Loba como hashtag (#laloba) nas mídias sociais, em especial no *Instagram*, a partir da análise de como

pode se compor o discurso feminista nas redes digitais. A análise se baseia nos pressupostos da Análise do Discurso Materialista de Michel Pêcheux e tem como principal suporte as obras "Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos", de Eni P. Orlandi, e "Mulheres que correm com os lobos", de Clarissa Pinkolas Estés, que narra o conto La Loba, dando origem para o início da pesquisa pela hashtag nas redes sociais.

Na busca pela hashtag, foram mobilizadas sequências discursivas (SD) recortadas de um perfil de uma revista litero-artística feminista on-line que tem como nome *La Loba Magazine*, a qual referência o título do conto e que foi escolhida devido a este fator. Ao analisarmos as SDs, temos como objetivo principal entender como vem se manifestando a (re)produção do discurso feminista nas mídias sociais a partir da (re)significação do termo *La Loba*.

Dessa forma, o texto divide-se em seções que buscam desde abordar a base teórico-metodológica da Análise do Discurso, explicando as principais noções pertinentes para esta investigação, até a contextualização do objeto de análise a posterior reflexão acerca do funcionamento do discurso feminista através da análise dos recortes.

ANÁLISE DO DISCURSO: BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Análise de Discurso (AD) fundamentada em Michel Pêcheux busca compreender o modo como os discursos materializados em textos produzem diferentes sentidos. Isso na medida em que a língua está vinculada com a ideologia, o que pode provocar efeitos de sentido diferentes a depender das condições de produção em que os dizeres são proferidos.

A base da AD se dá através de três pilares: língua, sujeito e história. Na AD, o indivíduo assume a posição-sujeito, que, retomando Foucault, é o "lugar" que ocupa para ser sujeito do que diz" (ORLANDI, 2001, p.49). Nesse processo, o sujeito está submetido a interpelações ideológicas e é movido pelo inconsciente através do esquecimento, ou seja, nos inserimos nos processos discursivos e é através deles que produzimos "nossas" ideias e sentidos. Conforme Michel Pêcheux (ORLANDI, 2001, p. 35), há duas formas de esquecimento que afetam o sujeito: o 1º é o

esquecimento ideológico, em que o sujeito afetado pela ideologia produz discursos que já foram produzidos, mas que inconscientemente são tidos como únicos; já o 2º esquecimento é o da enunciação, em que o sujeito produz um discurso com a ilusão de ser “pensado”, ou seja, algo que foi planejado antes de realmente falar e que poderia ou não ter utilizado outras palavras ao invés das que foram usadas.

Já a língua, na AD, não é vista apenas da forma gramatical, mas a partir de seu funcionamento na sociedade, ou seja, que sentidos ela pode produzir pelo e para o sujeito, sendo estes gerados através da ideologia no discurso. Orlandi (2001, p.15) ainda afirma que, “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Isso significa que a língua só vai funcionar se levarmos em consideração o processo histórico em que ela se constitui e que os sentidos por ela produzidos podem ser alterados dependendo do discurso e da maneira em que é posta em funcionamento.

Desse modo, a ideologia, vista através do ponto de vista discursivo, consiste em constituir os indivíduos enquanto sujeitos na história. Orlandi (2001 p.48) afirma que a ideologia aparece como “efeito de relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido”, ou seja, sentidos esses que produzimos e reproduzimos pelo fato de sermos chamados a assumir posicionamentos.

Junto a isso, também é fundamental pensarmos nas condições de produção de duas maneiras, em um sentido mais estrito e em um sentido mais amplo. Segundo Orlandi (2001, p.30), no sentido estrito, as condições de produção referem-se às condições da enunciação que se trata do contexto imediato, compreendendo o sujeito e a situação daquele momento. Já quando se trata do sentido mais amplo, as condições de produção referem-se ao contexto sócio-histórico em que os discursos são produzidos e circulam.

Desse modo, a memória é acionada a partir de sentidos pré-existentes nas palavras ao longo da história e em diferentes situações, que acabamos remetendo a algo que nem mesmo temos conhecimento sobre. Devido a isso, muitas coisas são ditas sem estar necessariamente no sentido que a pessoa gostaria de dizer, pois as palavras possuem uma história, uma memória.

Conforme Orlandi (2001, p. 31), a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.”. Por essa perspectiva, toda vez que o sujeito toma a palavra, sentidos já-ditos retornam no “seu” dizer para significá-lo, isso leva a compreender que o sujeito não tem o poder de direcionar o sentido, pelo contrário, o sentido já vem direcionado pela história e pela ideologia.

CONTEXTUALIZAÇÃO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE

Antes de adentrarmos propriamente na análise, é preciso abordarmos sobre o livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, pois ele atua como auxílio para que a análise seja realizada.

O livro é escrito por Clarissa Pinkola Estés, uma psicanalista junguiana, poeta e escritora especialista em traumas pós-guerra, nascida no dia 27 de janeiro de 1945. A norte-americana começou a escrever com 25 anos, mas seu primeiro livro e de maior sucesso internacionalmente só foi lançado após 25 anos (CONSTELAÇÃO CLÍNICA, 2020): *Mulheres que correm com os lobos*, primeiro livro de Estés, “tem seu título inspirado em um longo estudo da autora sobre a biologia dos animais selvagens, mais precisamente, os lobos” (ESTÉS, 2018, p. 16).

Sua primeira publicação foi realizada em 1989, já no Brasil foi publicado em 1994 pela editora Rocco. O livro trata de um conjunto de lendas, contos e histórias antigas que, ao interpretá-los, Estés busca apresentar o arquétipo¹ da mulher selvagem através da análise da psique feminina a fim de resgatá-la na tentativa de chegar à libertação desse poder feminino.

Segundo matéria (NORONHA, 2020) publicada pela revista UOL, desde seu lançamento, o livro permaneceu 145 semanas na lista dos mais vendidos do jornal norte americano The New York Times. Desde então, o livro já foi traduzido para cerca de 42 idiomas e ainda hoje está no pódio dos livros mais vendidos. Tanto que, em

¹ “Os arquétipos são, portanto, imagens universais que existem desde os mais primórdios tempos e que não têm influência de cunho pessoal, mas fazem parte de uma camada do inconsciente que é inata e compartilhada muito por indivíduos de uma mesma sociedade. Isso não quer dizer, porém, que todas as pessoas compartilham o mesmo inconsciente, uma vez que o nome coletivo remete ao fato de que essa é uma característica geral e não absoluta.” (MORAES; ASSUNÇÃO, 2017, p.22).

2018, a editora Rocco resolveu relançá-lo. Há ainda a possibilidade de que isso se deva a dois fatores importantes retratados na matéria citada, que são a chamada quarta onda do feminismo², que surge a partir da difusão do movimento nas redes sociais; e o enaltecimento de um estilo de vida chamado “boas vibrações”, muito utilizado nas redes, em especial no Instagram, onde as mulheres entram em conexão consigo mesmas, seus corpos e com a natureza, utilizando-se de *hashtags* como #laloba, #poderfeminino e #mulherselvagem.

Conforme Silveira (2013 p. 1), as *hashtags* são geradas a partir do uso do símbolo #, conhecido em inglês como *hash*, junto de palavras muito utilizadas em determinados momentos, que formulam a *tag* (etiqueta). Conforme a autora, as *hashtags* são palavras-chave transformadas em *hiperlinks* com a função de direcionar os usuários da rede para determinados assuntos, ou seja, “a transformação de uma *hashtag* em *hiperlink* permite que o usuário, ao clicar na *hashtag*, vá direto para a página de resultados do site, na qual são listadas as publicações que utilizam aquela *hashtag*” (SILVEIRA, 2013, p. 2).

O que aqui abordamos é o funcionamento dessas palavras-chave, em especial #laloba, como meio de popularizar e ressignificar determinados assuntos nas redes sociais. Ou seja, de que maneira o significante La Loba - mobilizado no livro para narrar um dos contos - se materializa como *hashtag* no Instagram, podendo provocar uma alteração (ou não) dos sentidos produzidos inicialmente pela autora no livro.

O conto *La Loba*, no livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, está localizado no primeiro capítulo intitulado “O uivo: a ressurreição da mulher selvagem”. O conto fala sobre uma mulher velha, descrita quase sempre como uma pessoa gorda e cabeluda que evita contato com outras pessoas, que vive “em um lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos viram” (ESTÉS, 2018, p.41) e seu único objetivo seria recolher ossos dos animais de diferentes tipos e tamanhos, mas que sua especialidade era recolher os dos lobos. Conforme a autora,

² “A primeira relaciona-se com os direitos civis como voto, educação e até mesmo direito ao trabalho; a segunda está mais focada nos direitos reprodutivos e na sexualidade; a terceira está ligada ao pós-estruturalismo e a quarta tem suas raízes na difusão do tema dentro das redes sociais” (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020, p. 148).

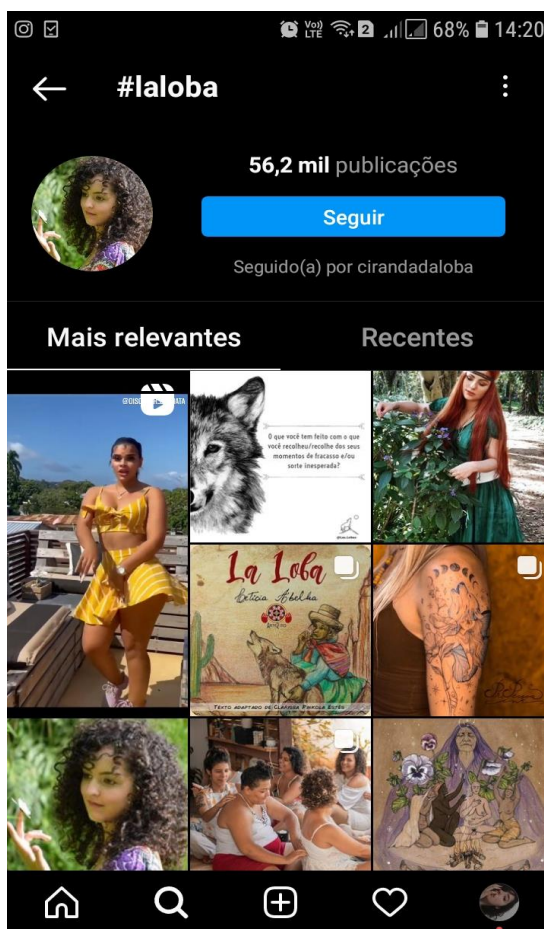
Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços e sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pelos. *La Loba* canta um pouco mais, e uma proporção maior de criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva e para cima, forte e desgrenhado. *La Loba* canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. (ESTÉS, 2018, p.41).

Ou seja, podemos interpretar que lobo e mulher se tornam um só nesse processo e que a força feminina vem desse animal interior que todas temos, basta acordá-lo.

Dito isso, passamos à análise desses efeitos de sentido produzidos a partir da hashtag em questão.

ANÁLISE: EFEITOS DE SENTIDO DA #LALOBA

As sequências discursivas (SD), denominação dada às imagens ou enunciados utilizados para fins analíticos e que foram coletas da plataforma do *Instagram* para serem aqui analisadas, são de uma busca pela #laloba, que durante a primeira coleta, no dia 16 de maio de 2021, já contava com cerca de 50 mil publicações. No entanto, como as atualizações dessa *hashtag* mudam a cada minuto, no dia 29 de julho do mesmo ano havia 56,2 mil publicações que a utilizavam.

Figura 1: foto da *hashtag* na plataforma do *Instagram*.

Fonte: [#laloba hashtag no Instagram • Fotos e vídeos](#)

Em uma breve análise, é possível observar que diferentes conteúdos mobilizam essa hashtag, tanto para fins comerciais e mercadológicos, quanto para expressar um estilo de vida, demonstrando que há formas distintas de utilizar a hashtag, e de expressar o sentido de La Loba para cada sujeito. Em outras palavras, a transformação do significante La Loba em hashtag #laloba já demonstra que há a produção de outros e novos sentidos para o termo, que passa a circular nas redes e ser enunciado pelos sujeitos a partir de diferentes posições. Isso na medida em que, conforme defende Silveira (2013, p. 2), “O aparecimento de um enunciado em forma de hashtag inaugura, em nosso entendimento, uma relação particular entre os sujeitos e o acontecimento discursivo; entre a língua e a tecnologia; entre a estrutura e o acontecimento.”. Assim, a palavra sob a forma de uma hashtag instaura uma relação entre diferentes tipos de memória, a metálica (ORLANDI, 1996) e a memória discursiva digital (PAVEAU, 2013).

[...] o símbolo # (hash) faz toda a diferença na escrita da palavra, pois remete para os mecanismos de escrita, organização e busca de assuntos no ciberespaço. Se considerarmos que a hashtag funciona no nível da repetição de um símbolo que serve para organizar e buscar os assuntos em uma rede social, estamos no âmbito da memória metálica – haverá um excesso de hashtags com as mesmas formulações, repetição serializada. Agora, se considerarmos que a escrita de uma palavra sob a forma de uma hashtag toca na constituição de seu sentido na medida em que a recria, a retrabalha e a coloca em relação com outras no universo digital, estamos no nível da memória discursiva digital. (PAVAN, 2017, p. 174-175).

Dentre essas diferentes materializações de La Loba, encontramos a revista digital *La Loba Magazine*:

Figura 2: SD1 foto do perfil do La Loba Magazine.



Fonte: [La Loba Magazine \(@lalobamagazine\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Então, para realizar a análise da hashtag, foi selecionado o perfil de uma revista on-line nascida em 2021 e caracterizada como litero-artística feminista, focada em literatura e arte produzida por mulheres.

Como vemos na SD1, a revista chama-se *La Loba Magazine* e tem como descrição “Em busca da ressurreição da mulher selvagem”, retomando e ressignificando o título do capítulo do conto *La Loba* no livro de Clarissa Estés, visto que na obra o título é “O uivo: A ressurreição da Mulher Selvagem”. Há, assim, uma tomada de posição da idealizadora da revista diante da obra de Estés, pois “busca” a ressurreição de mulheres através da escrita e da arte, *buscando* lhes conferir um poder simbólico, um poder de significação, de serem vistas, lidas, de saírem da invisibilidade.

Assim, a revista, que já conta atualmente com 12 edições, apresenta em suas postagens no Instagram textos, trechos e indicações de leitura de autoras já

reconhecidas e de outras anônimas e/ou que têm pouco reconhecimento, incentivando suas leitoras a escreverem e enviarem textos para que sejam publicados.

Esse incentivo para a escrita feminina percorre a história da luta feminista desde o século XVIII, conforme reportagem de Ceccatto (2020, on-line), momento em que as mulheres lutavam para serem reconhecidas pela sua escrita. Conforme a matéria, as mulheres muitas vezes eram apagadas da história e/ou então utilizavam de nomes masculinos para que pudessem publicar suas obras, escrevendo em sua maioria obras de romance, livros educativos e até mesmo cartas, pois viam nesses escritos uma oportunidade de entrarem como mulheres no mundo da escrita.

Conforme sustenta Sant'Anna (2006, p. 02) ao mobilizar a escritora Virgínia Woolf no importante ensaio *um teto todo seu*:

[...] às mulheres do século XVI, não era permitido outro papel senão o de trabalhadoras domésticas escravas ou animais de estimação. Em outras palavras, mulheres escritoras só começam a surgir a partir do momento em que lhes foi dado o direito de ter uma renda pessoal e um teto todo seu – afirma numa linguagem pungente e incisiva.

Ou seja, esse lugar de dizer, de escrever e também de ser lida, não foi tão facilmente conquistado pelas mulheres, e não o é ainda na contemporaneidade. Prova disso está em uma matéria (MORALES, 2020, on-line) do Guia do Estudante Abril que, já no título, evidencia que às mulheres falta visibilidade, que pode ser verificada na ausência de obras de autoria feminina nas listas de leituras obrigatórias para o vestibular de universidades brasileiras.

As listas de leituras obrigatórias fortalecem a marginalidade das mulheres no mundo da escrita. Das nove obras cobradas pela Fuvest 2021, apenas uma é de autoria de uma mulher: *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. [...] O histórico é ainda pior. Entre 2010 e 2017, a lista de obras obrigatórias trazia apenas autores homens. (MORALES, 2020, on-line).

Com isso, é possível analisar que, com o incentivo da revista à escrita feminina como forma de “ressurreição da mulher selvagem”, passa a circular nas mídias digitais os saberes de que esse poder interior feminino, que Estes aborda durante o livro, materializa-se a partir da expressão de sentimentos e conflitos manifestados através da escrita de suas leitoras. Assim, a revista retoma e também ressignifica a

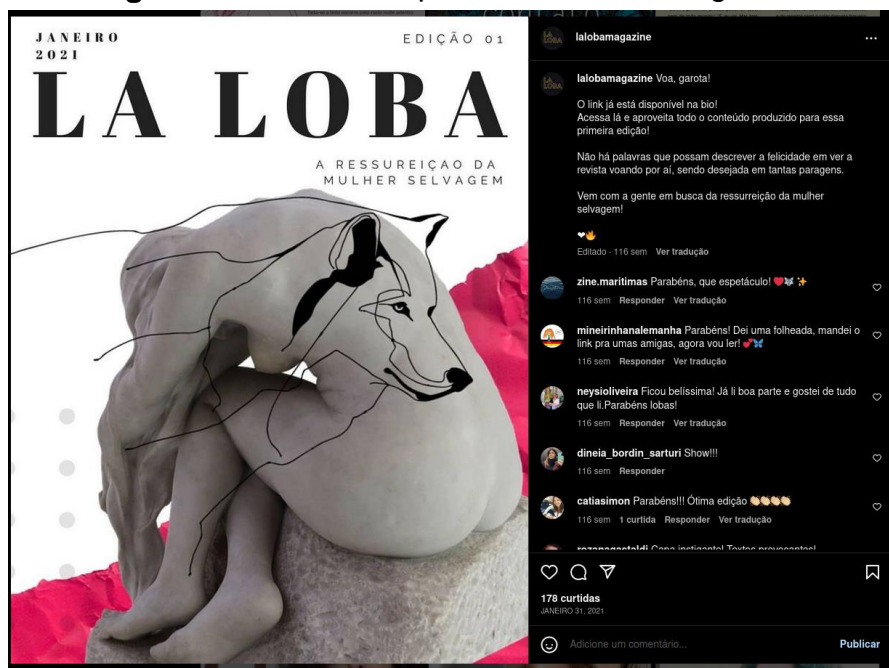
"ressurreição da mulher selvagem", vindo na escrita e na publicação on-line através da mídia digital uma forma de empoderar as mulheres, de fazê-las ressurgir.

É o que diz ao Grupo Matinal de Jornalismo, na coluna do Roger Lerina, a idealizadora da revista Carolina Panta: "Percebi que um espaço dedicado à publicação de mulheres gritava por um lugar cá entre nós. E é no cerne da mulher selvagem que vem La Loba" (LERINA, 2021, on-line). E continua na crônica de aniversário de 1 ano da revista ocorrido em 2022:

O que eu aprendi, nesse ano passado até agora, é que existem tantas de nós que já não se pode contar. Afinal, a escrita faz parte de quem somos. De nossos diários e poemas até o silêncio provocado em mulheres inseridas no campo intelectual, muitas vezes julgadas ou por produzir uma arte vista como 'menor' e mais 'emocional' ou por trabalhar em sua carreira em detrimento da família. (PANTA, 2022, on-line)

Dito isso, vejamos agora duas capas representativas do funcionamento da revista. A primeira é a capa da edição inaugural, que retoma a fusão entre a figura do lobo e da mulher, fazendo circular sentidos já assentados na memória discursiva principalmente acerca do corpo feminino. Já a segunda é a capa da sexta edição, que demonstra o (re)nascimento através do corpo feminino.

Figura 3: SD2 foto do perfil do La Loba Magazine.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CKtdRGYhJxY/>

Figura 4: - SD3 foto do perfil do La Loba Magazine.



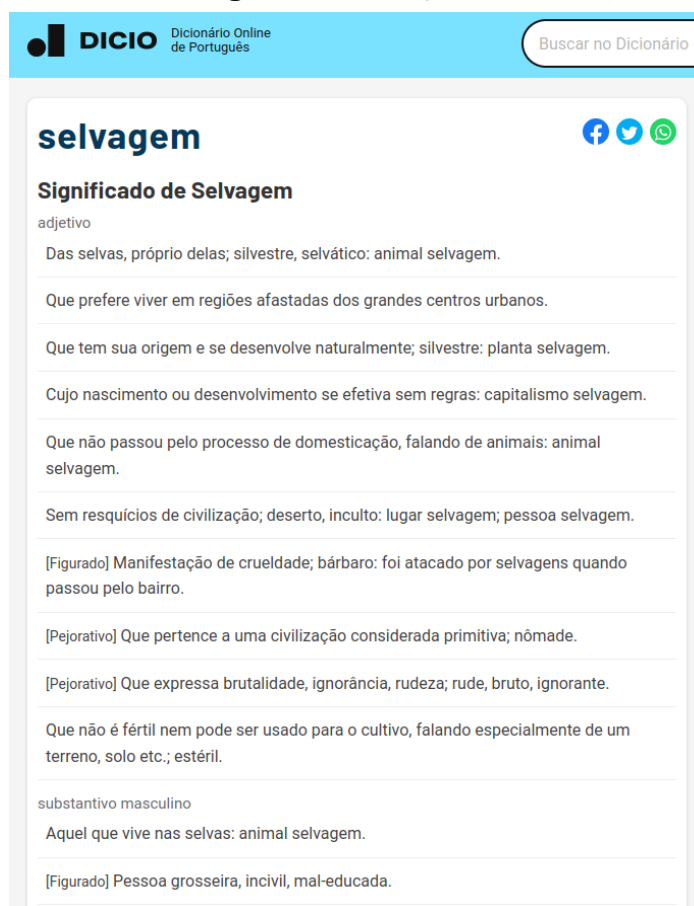
Fonte: https://www.instagram.com/p/CQ_56fpAftT/

Ao observarmos essas duas capas, podemos observar que fazem circular o corpo da mulher em sua nudez, tornando possível o retorno do íntimo, do selvagem, do desnudo das normas e imposições sociais e culturais, lembrando que, conforme Davallon (2007, p. 28), “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade

de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta.”, fazendo com que o observador lance gestos de interpretação situados histórica e culturalmente. Ou seja, a produção de sentidos diante de uma imagem a ler não é evidente - “a imagem é da ordem da opacidade e não há nela um trajeto de leitura pronto e fechado” (PAVAN, 2017, p. 167).

Estés aborda ao longo do livro o termo *selvagem* e define-o como “um sentido de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis” (ESTÉS, 2018, p.21), sentido também presente em definições nos dicionários, como a que segue:

Figura 5: Definição de selvagem.



The image shows a screenshot of the Dicio dictionary website. The header includes the Dicio logo and the text 'Dicionário Online de Português'. A search bar contains the text 'Buscar no Dicionário'. The main content area is titled 'selvagem' and includes social media sharing icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp. Below the title, the word is classified as an adjective ('adjetivo') and provides several definitions: 'Das selvas, próprio delas; silvestre, selvático: animal selvagem.', 'Que prefere viver em regiões afastadas dos grandes centros urbanos.', 'Que tem sua origem e se desenvolve naturalmente; silvestre: planta selvagem.', 'Cujo nascimento ou desenvolvimento se efetiva sem regras: capitalismo selvagem.', 'Que não passou pelo processo de domesticação, falando de animais: animal selvagem.', 'Sem resquícios de civilização; deserto, inculto: lugar selvagem; pessoa selvagem.', '[Figurado] Manifestação de crueldade; bárbaro: foi atacado por selvagens quando passou pelo bairro.', '[Pejorativo] Que pertence a uma civilização considerada primitiva; nômade.', '[Pejorativo] Que expressa brutalidade, ignorância, rudeza; rude, bruto, ignorante.', 'Que não é fértil nem pode ser usado para o cultivo, falando especialmente de um terreno, solo etc.; estéril.', and 'substantivo masculino', 'Aquel que vive nas selvas: animal selvagem.', and '[Figurado] Pessoa grosseira, incivil, mal-educada.'

Fonte: <https://www.dicio.com.br/selvagem/>

Então, podemos compreender que o corpo nu busca representar esse selvagem, como a representação do selvagem natural, remetendo, por sua vez, à ressurreição da mulher selvagem (la loba) através da escrita. Assim, a nudez no

discurso feminista não produz sentidos relacionados ao erótico, mas sentidos de resistência e protesto, fazendo com que o corpo apareça “como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro.” (LEANDRO FERREIRA, 2013, p. 68)

Diante disso, podemos observar um jogo entre paráfrase e polissemia presente nas capas da revista, visto que retoma os sentidos produzidos no livro e ao mesmo tempo os desloca, pois são as mulheres no/do digital que são chamadas a produzir sentidos, como diz a legenda “Um chamado à matilha” (Figura 4). Conforme Orlandi (2001, p. 36), a paráfrase e polissemia “são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente.”

Além disso, a postagem com a capa da sexta edição ainda conta com outras *hashtags*, como *#empoderamentofeminino*, que compõem o posicionamento feminista da quarta onda, que utiliza das redes sociais como forma de fortalecimento dos ideais de mulheres livres e empoderadas através do seu autoconhecimento, tal como um poder sagrado que todas as mulheres possuem dentro de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, pode-se considerar que a mobilização do significante *La Loba* pela revista como seu nome, e a retomada do título do capítulo do livro como forma do posicionamento da mesma através de plataformas digitais, torna possível o entendimento de que a revista busca trazer essa “ressurreição da mulher selvagem” através da escrita, como forma de expressão do poder que pode conter em diferentes formas de escrita e, com isso, a revista busca apresentar diferentes escritoras, cada qual com sua singularidade e luta.

Diante disso, é possível entender, a partir da compreensão dos pressupostos da Análise do Discurso, as formas de funcionamento de um discurso na sociedade e também dos movimentos sociais, gerando discussões em torno da resignificação de discursos e posicionamentos, bem como a influência que a comunicação gera nesses processos e o valor que há na resistência desses movimentos sociais.

Por fim, salientamos que o que aqui foi analisado trata-se de apenas um fragmento da história da luta feminista e de suas diversas facetas e que ainda há diversos pontos a serem abordados dentro da temática da luta das mulheres e feministas.

REFERÊNCIAS

CECCATO, Igor. A escrita feminina no século 18 e a luta pelo reconhecimento.

Central de notícias Uninter. 2020. Disponível em:

<https://www.uninter.com/noticias/a-escrita-feminina-no-seculo-18-e-a-luta-pelo-reconhecimento>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

CONSTELAÇÃO CLÍNICA. Clarissa Pinkola Estés: Conheça sua trajetória.

Constelação Clínica. 2019. Disponível em: <https://constelacaoclinica.com/clarissa-pinkola-estes/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, Pierre et al.

Papel da memória. 2. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 23-37.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 1 ed. São Paulo: Rocco, f. 314, 1993. 627 p.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva.

Redisco, Vitória da Conquista, 2013. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697>. Acesso em 20 abri. 2023.

LERINA, Roger. Revista literária “La Loba” tem foco na autoria de mulheres. **Notas e Agenda, Grupo Matinal de Jornalismo**. 2021. Disponível em:

<https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/notas/revista-literaria-la-loba-tem-foco-na-autoria-de-mulheres/>. Acesso em 29 abr. 2023.

MORALES, Juliana. **A falta de representatividade feminina nas listas de obras obrigatórias**. Guia do Estudante Abril, 2020. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/a-falta-de-representatividade-feminina-nas-listas-de-obras-obrigatorias/>. Acesso em 29 abr. 2023.

MORAES, Júlia Ribeiro Melo de; ASSUNÇÃO, Laura Farage. **O arquétipo da mulher selvagem**: uma representação visual. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NORONHA, Heloíza. **Por que 'Mulheres que correm com os lobos' voltou à lista dos mais vendidos**. Tab UOL. 2020. Disponível em:

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/16/mulheres-que-correm-com-os-lobos-long-seller-ganha-folego-na-pandemia.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PANTA, Carolina. La Loba completa um ano: uma revista das “elas” do Brasil. **Revista Parêntese**. Grupo Matinal de Jornalismo. 2022. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/cronica/la-loba-completa-um-ano-uma-revista-das-elas-do-brasil/>. Acesso em 29 abr. 2023.

PAVAN, Paula Daniele. A cultura digital como acontecimento: Movimentos na rede dos sentidos. 2017. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAVEAU, Marie-Anne. Discours et mémoire – La mémoire numérique. Réflexivité et technodiscursivité. In: _____. *La pensée du discours: La théorie du discours ouverte à de nouvelles épistémologies* (site). Publicado em 05/10/2013. Disponível em: < <http://penseedudiscours.hypotheses.org/8204> Acesso em mai. 2015.

SANT’ANNA, Mônica. A escrita feminina e as suas implicações: a recorrência ao corpo como signo de identidade. **REEL. Revista Eletrônica de Estudos Literários**, v. 2, p. 22, 2006.

SILVEIRA, Juliana da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: **VI Seminário de estudos de análise do discurso 1983-2013** – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença, 2013, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SIQUEIRA, Carolina B.; BUSSINGUER, Elda. C. A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **REVISTA THESIS JURIS**, v. 9, p. 145-166, 2020.

Paula Daniele Pavan

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus São Borja. Doutora e Mestra em Letras - Área de Estudos da Linguagem, Especialidade Teorias do Texto e do Discurso - pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas - pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Atua como Pesquisadora no Grupo de Estudos Pêcheuxianos (UNIPAMPA) e no Grupo Discurso, arquivo, autoria e questões de gênero (UFRGS). Tem experiência docente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Produção Textual, lecionadas no Ensino Técnico e Superior. Tem interesse e atua nas seguintes áreas: Texto, Discurso, Cultura, Ciberespaço, Ensino de Língua Portuguesa, Leitura e Produção Textual.

Martiele Rodrigues Matoso

Formação em Técnica em Eventos, graduanda do curso de bacharelado em Relações Públicas pela Universidade Federal do Pampa, atualmente bolsista do Projeto de Pesquisa Movimentos de Sentidos na Cultura Digital: Comunicação, Poder e Resistência.